

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação <b>Fazenda Santa Catharina</b>	código AV – FO4 – Car
localização RJ-144, no sentido cidade do Carmo	
município <b>Carmo</b>  época de construção <b>século XIX</b>  estado de conservação <b>detalhamento no corpo da ficha</b>  uso atual / original <b>residencial / fazenda de café</b>  proteção existente / proposta <b>nenhuma / tombamento</b>  proprietário <b>particular</b>	<p>Fonte: IBGE - Além Paraíba</p>



Fazenda Santa Catharina, tomada geral

coordenador / data <b>Sonia M. Rachid – jun 2010</b> equipe <b>Sonia M. Rachid, J. Roberto M. Ribeiro e Marcos Vinícius Silva Gomes</b> histórico <b>Sonia M. Rachid</b>	revisão / data <b>Thalita Fonseca – jun 2010</b>
--	---



situação



ambiência

A entrada para a Fazenda Santa Catharina se localiza a seis quilômetros do trevo entre as rodovias RJ-158 e RJ-144, seguindo pela RJ-144 no sentido da cidade de Carmo. Da estrada se veem, em meio ao arvoredo, as diversas edificações que integram a fazenda (f01).

Uma cerca de arame contorna os piquetes de capinheiras que circundam a propriedade, e, próximo à estrada, um caminho de pedras cruza o portão eletrônico da entrada (f02), margeado por hibiscos e arecas. Este caminho logo se bifurca (f03), estando, à direita, o acesso principal da casa-sede, e, à esquerda, as construções rurais. Também a área ao fundo do casarão assobradado está voltada para este espaço, com entrada para o porão.



01



02



03

A casa do caseiro (f04) fica antes do largo de terra batida, onde estão distribuídas várias construções (f05), como o belo sobrado (f06), os currais (f07), os bezerreiros, a sala do leite, as baias, o galinheiro e os depósitos (f08 e f09). Destaca-se no local o tanque de pedra (f10) com coluna em cantaria (f11). Nas laterais da casa sede, edificada sobre um desnível, uma murada em pedra faz o arrimo desde o jardim e porão até a área dos fundos (f12), e nela se observam calhas em cantaria remanescentes de um sistema que existia para o beneficiamento do café (f13).



04



05



06



07



08



09



10



11



12



13

Ali próximo, dentro de um pequeno lago, pode-se ver um tanque formado por maciços blocos de pedra (f14), cuja saída da água é emoldurada por uma figura em alto relevo executada em argamassa, a qual retrata o rosto de um negro (f15).

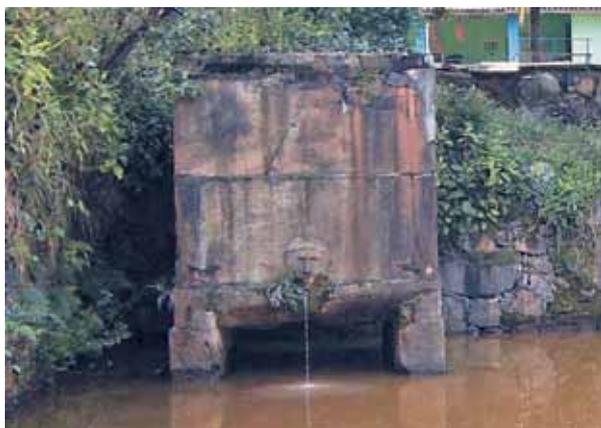
O caminho segue entre os pastos, com o pomar num morrote; na baixada, onde uma série de construções se apresenta em estado de abandono (f16), estão as pocilgas, empreendimentos do período em que a fazenda comercializava animais. Mais adiante, um barracão, que abrigava anteriormente um alambique, hoje, é utilizado como depósito (f17). No caminho para a casa-sede, um atalho em terra batida leva para as instalações rurais (f18).

No acesso principal, um largo com piso revestido em pedra e jardins gramados circundam as construções (f19). Na área gramada ao lado do varandão, funcionava o antigo terreiro de secagem de café (f20), cujo espaço era delimitado por uma mureta de pedra, que foi desfeito há algumas décadas.

No lado oposto à casa, onde outrora ficava um tanque de pedras possivelmente utilizado para a lavagem dos grãos de café, hoje, se encontra um espelho d'água com bica em meio a palmeiras e plantas ornamentais (f21 e f22), a capela de Santa Catharina e, ao lado, uma murada de pedra e a gruta com imagem sacra (f23).



14



15



16



17



18



19



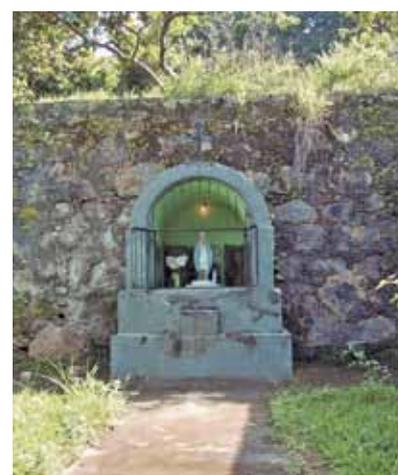
20



21



22



23

Junto à capela, uma pedra esculpida exibindo gravação de simbologia religiosa, e que pertenceu a um antigo cemitério de escravos (f24).

A edificação próxima à entrada da fazenda, do outro lado da estrada, às margens do Rio Paquequer, pertence à usina hidrelétrica (f25) que abastecia de energia as fazendas Santa Catharina e da Glória. A sólida construção foi utilizada como depósito de couro e tem resistido ao tempo, pois periodicamente é inundada pelas águas do rio.



24



25

Parte da casa-sede da Fazenda Santa Catharina foi edificada sobre porão habitável, constituindo um casarão assobradado. Na entrada principal, uma extensa varanda protege todas as fachadas voltadas para o grande largo (ver f19).

A grande porta da sala de estar (f26) é o principal acesso utilizado à casa. A referida sala funciona como um espaço de recepção, e está conjugada à copa (f27), à cozinha (f28) e a um lavabo (f29). Este bloco da casa tem um pátio interno central descoberto para onde se voltam as janelas de vários cômodos. Atualmente, há no local uma piscina azulejada redonda onde possivelmente existiu um jardim (f30).



26



27



28



29



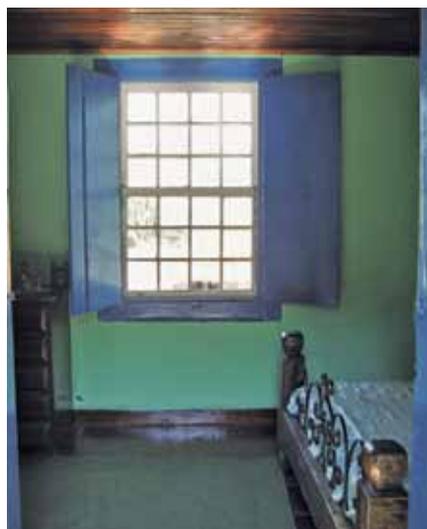
30

Parte desta edificação sobre o porão aberto possui uma longa circulação que distribui vários quartos (f31 e f32), banheiro e uma espaçosa sala que se comunica com a área de lazer (f33) e o pátio central do casarão (f34). A circulação apresenta, ainda, um acesso para os fundos da casa através de uma escada estreita, cujo acesso, no térreo, é gradeado (f35).

Ao lado da pequena escada, um *hall* conduz ao outro trecho do sobrado, com sala de jantar (f36), dois quartos com banheiro (f37) – dos quais um não possui ventilação –, sala de visitas (f38), escritório e a capela. Esta última se constitui de um espaço singelo que possui retábulo de madeira com ornatos entalhados no altar (f39). Por ter sido transferida para esse cômodo, o conjunto obstrui uma porta da sala contígua.



31



32



33



34



35



36



37



38



39

A continuação da varanda distribui os acessos para os espaços de serviços (f40), como cozinha, lavanderia e quarto de serviço, e ao final do avarandado, se encontra uma área de lazer com churrasqueira (f41).

No piso inferior está o porão, cujo acesso se faz pelo espaço dos fundos próximo ao curral. O vão aberto funciona como depósito de engradados (f42) e possui cômodos fechados que são utilizados como depósitos e garagem de trator e charretes (f43). O acesso a esses espaços fechados do porão se dá por calçada e escadas de pedra (f44).

A casa-sede foi construída sobre base de pedra, possuindo estrutura em gaiola de madeira com barrotes, madre, pilares e frechal. O porão tem maciças paredes estruturais de pedra insossa, com pilares de concreto sobre bloco de pedra (f45). O fechamento das paredes do casarão é feito em pau a pique, mas a tradicional caiçação em branco foi substituída por um tingimento em verde.

A cobertura do sobrado tem ponto alto e os telhados contíguos possuem várias águas. As telhas são tipo capa e bica; o beiral da fachada dos fundos possui cimalha de madeira, assim como os cunhais com acabamento em cornija. Na varanda, a cobertura de telha vã é sustentada por pilares e vigas de concreto, pintadas em tom de azul (f46 e f47).

As esquadrias são de verga reta, sendo as janelas da fachada dos fundos do casarão de guilhotina branca, com as folhas internas almofadadas. As demais janelas alternam gradeado em madeira e folhas com veneziana, e as básculas são de ferro e madeira. Os vãos fechados do porão também possuem janelas de guilhotinas gradeadas.

Com relação às esquadrias internas, a sede possui as portas com bandeiras fixas em caixilhos de vidro colorido e duas folhas almofadadas (f48), sendo as portas e as faces internas das janelas pintadas de cinza (f49).



40



41



42



43



44



45



46



48



47



49

Já as portas da capela interna e do escritório possuem duas folhas em veneziana, bandeira em arco pleno e caixilho envidraçado (f50).

O piso do porão é cimentado sobre lajeado, enquanto que o revestimento do piso do grande avarandado alterna entre o cimentado e o ladrilho cerâmico. Este último reveste a maioria dos cômodos da sede, com exceção dos aposentos do sobrado, que têm assoalho de tábuas corridas, e das salas, que mantiveram o antigo tabuado de madeira.

A ausência do forro no porão deixa à mostra os barrotes e o assoalho do pavimento superior (f51). No casarão, o quarto maior é o único que ainda mantém o forro saia e camisa e este apresenta indícios de que uma parede divisória foi retirada (f52). Os demais ambientes apresentam forros de cedrinho e PVC.

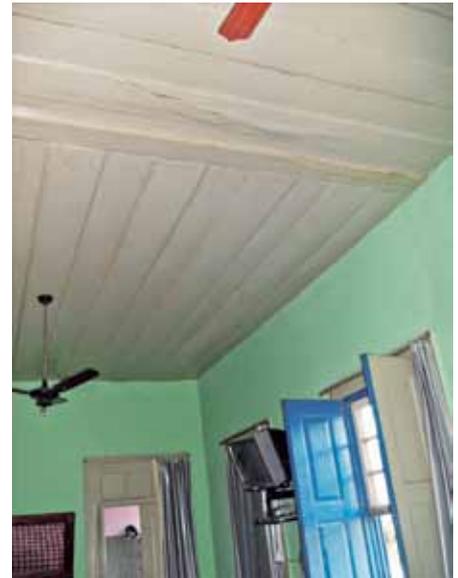
Dentre as outras edificações da fazenda, tem-se a capela em alvenaria construída junto ao espelho d'água (ver f22), com um anexo com banheiros. Em seu interior, retábulo e altar em madeira, piso de ladrilho cerâmico e lambri a meia altura; a ventilação se faz por seis óculos de perfis metálicos (f53).

A antiga usina hidroelétrica revela esmero em suas paredes de tijolos maciços com frisos pintados no interior (f54), além de revestimento a meia altura com ladrilho hidráulico – que estão deteriorados pelo sal do couro. No piso, a bela paginação está coberta por uma espessa camada de barro (f55). Já as construções do trato rural foram edificadas em alvenaria, com coberturas em telha francesa e amianto.

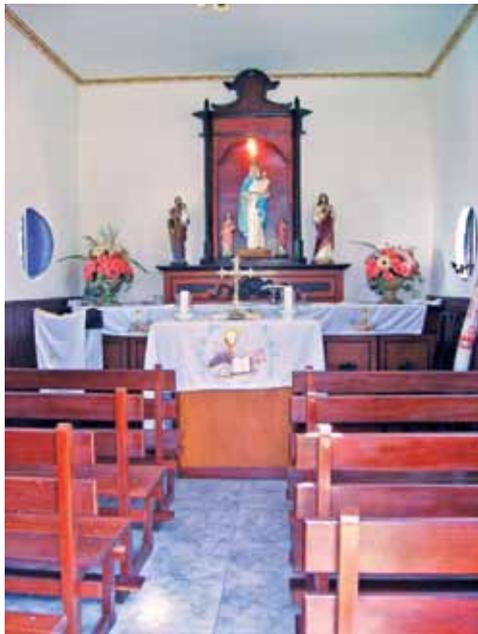




51



52



53



54



55

A casa sede, ao longo dos anos, passou por várias intervenções que alteraram sua planta original. Inicialmente, a casa não possuía a varanda que recobre toda a sua fachada frontal, e, como alguns cômodos receberam novas funções, portas foram substituídas por janelas.

Como exemplo dessas alterações, há a capela que, instalada num dos aposentos próximo à sala de visitas, teve uma porta de acesso aberta para o exterior; assim também a antiga cozinha de fogão a lenha, que anteriormente ficava no final da ala de serviços. No porão, com o objetivo de preservar a estrutura da casa, foram feitos reforços com pilares e vigas de concreto armado (f45 e f56).

No que concerne à conservação física, a casa, em geral, vem recebendo constante manutenção e o uso de sua sede como residência favorece sua preservação. Pequenas reformas no emboço de terra estão sendo executadas (ver f35), em razão de algumas paredes externas apresentarem sujidades (f57) e descolamento da pintura.

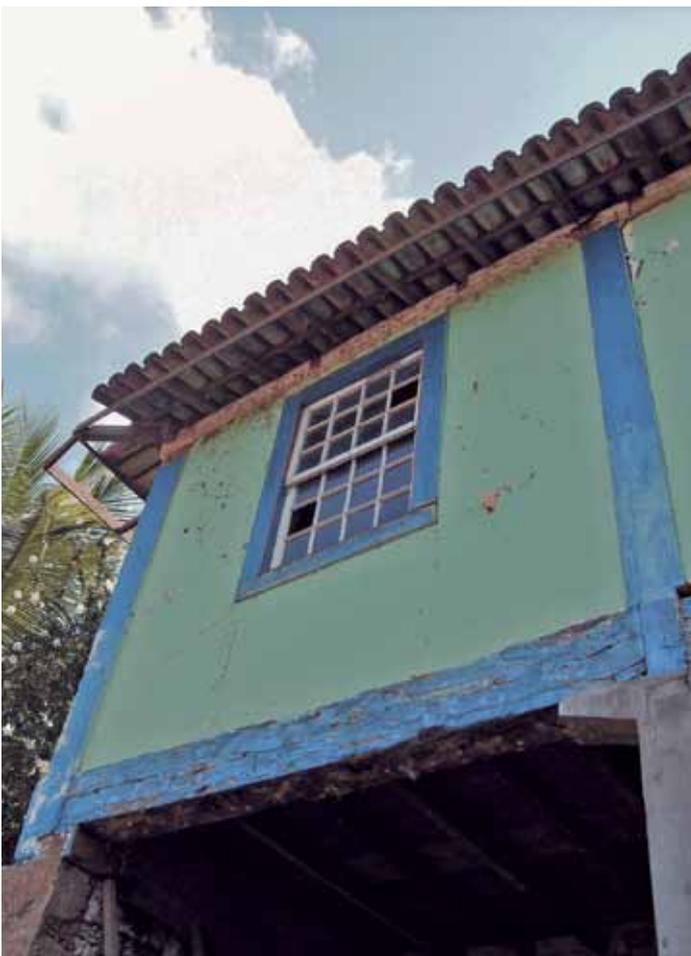
Internamente, o mesmo descolamento e, ainda, pulverulência ocorrem nas faces externas das paredes dos banheiros (f58); em um dos lavabos, a infiltração descendente compromete forro e emboço das paredes (f59); no pátio interno, a parede junto à pia da cozinha apresenta infiltração ascendente (f60).

A cobertura, assim como a instalação elétrica do imóvel, é periodicamente supervisionada. Já a estrutura apresenta problemas, a exemplo da peça da madre junto ao porão aberto, que se encontra em processo de deterioração (f61).

As esquadrias externas estão em estado regular de conservação, apenas apresentando ausência de vidros nas guilhotinas. Internamente, observa-se que um dos batentes de uma porta foi subtraído em função da construção do banheiro (f62).



56



57



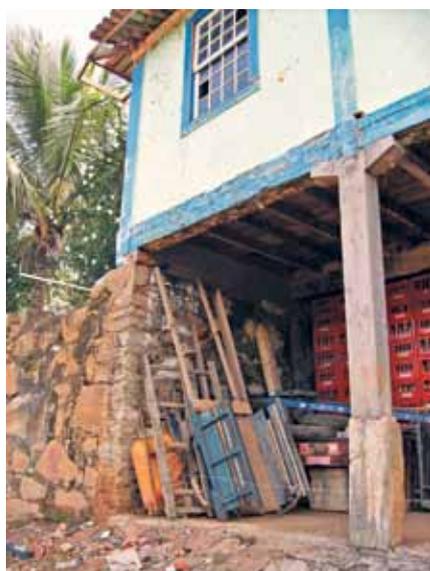
58



59



60

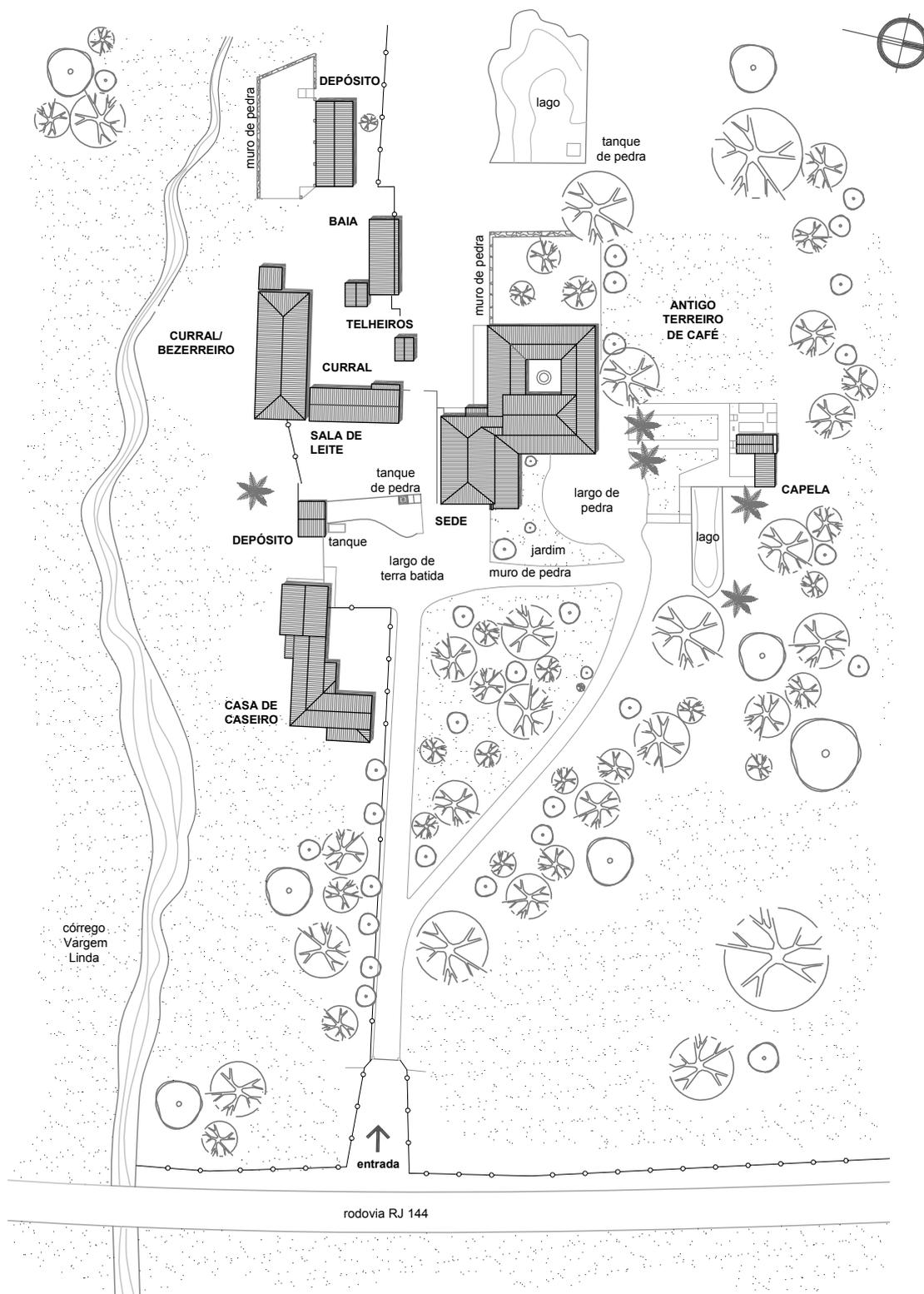


61



62

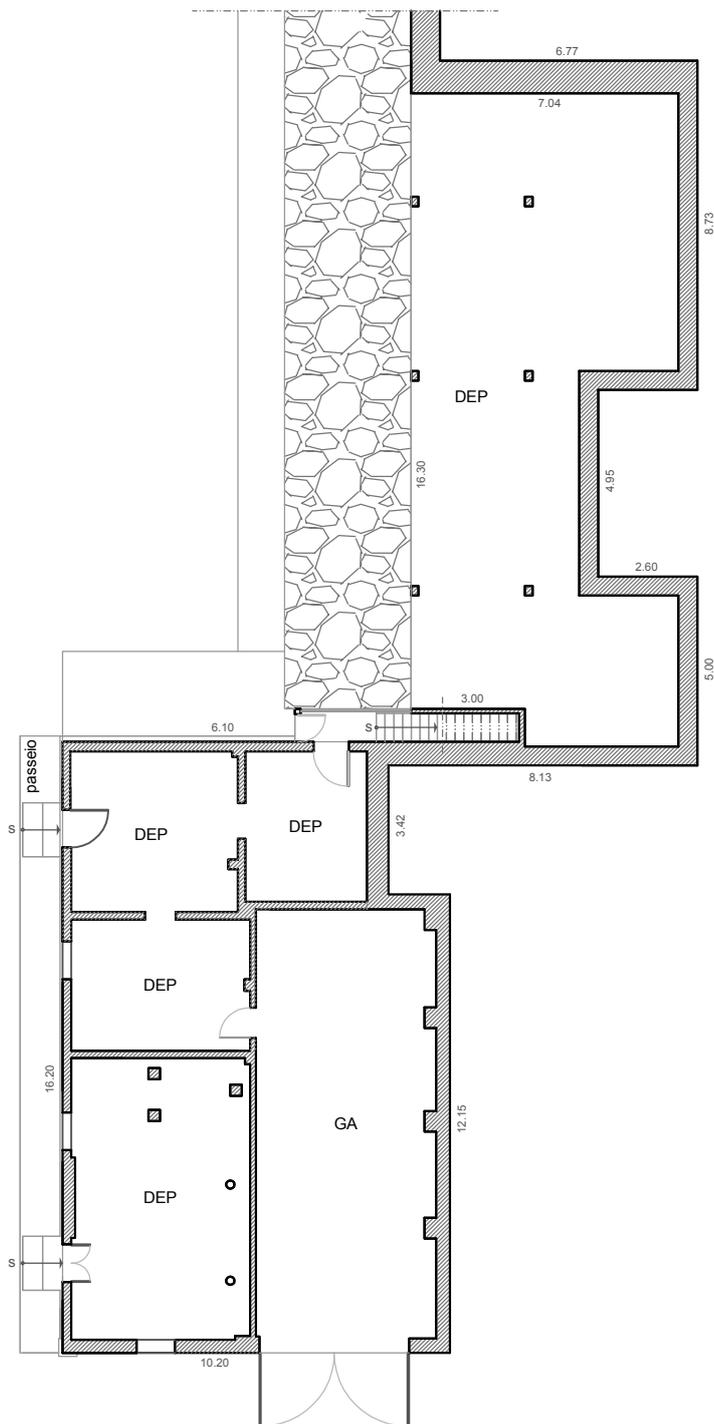
### FAZENDA SANTA CATHARINA



**1** Implantação  
escala: 1/1250



**FAZENDA SANTA CATHARINA**



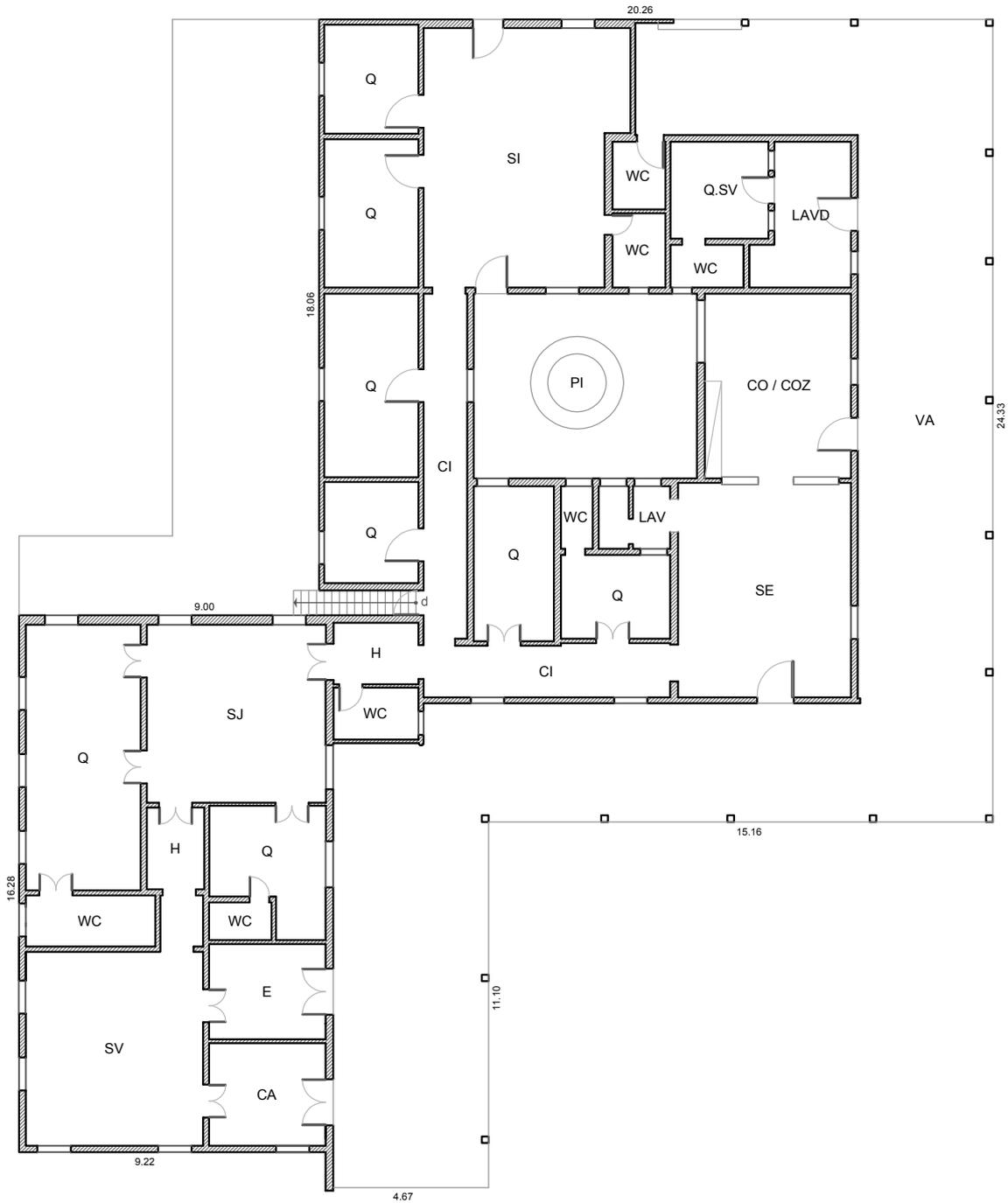
**1** Planta Baixa da Sede - Térreo  
escala: 1/200



DEP - depósito  
GA - garagem

alvenaria existente  
alvenaria demolida

**FAZENDA SANTA CATHARINA**



1

Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.  
escala: 1/200



CA - capela	COZ - cozinha	LAV - lavabo	Q - quarto	SV - sala de visita	VA - varanda	alvenaria existente
CI - circulação	E - escritório	LAVD - lavanderia	Q.SV - quarto de serviço	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria demolida
CO - copa	H - hall	PI - pátio interno	SE - sala de estar	SI - sala íntima		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F03 - Car

**3/3**

equipe: Sonia Mautone Rachid / J. Roberto M. Ribeiro / Marcos Vinícius	desenhista: Marcos Vinícius Silva Gomes	revisão: Francyla Bousquet	data: jun 2010
---	--	-------------------------------	-------------------

Conforme o registro paroquial de terras declarado por seu então proprietário, Sr. Francisco de Barros Guimarães, no ano de 1855, a atual Fazenda Santa Catharina constava apenas como “porção de terras no lugar Santa Catharina...com um quarto de sesmaria”. Com este dado, acredita-se que a fazenda ainda não era cultivada<sup>1</sup>. Segundo depoimentos do Sr. Francisco José de Araújo Lutterbach, seu avô – Júlio César Lutterbach – adquiriu a Fazenda Santa Catharina no início do século XX, tendo sido proprietário de várias fazendas na região. Além de grandes lavouras de café, Júlio Lutterbach já vinha desenvolvendo, com grande sucesso, a criação e reprodução do gado zebu, acreditando que o destino apontava a pecuária como sucessora do café.

A compra da propriedade se destinaria à ampliação de sua criação de gado, mas Júlio manteve nas terras da fazenda o plantio do café. O resultado do que era plantado na vertente da Fazenda da Glória para o Rio Paquequer, em função da proximidade, era levado para a Fazenda Santa Catharina. Ali se procedia a secagem e era vendido em forma de coco; a produção era escoada por Além Paraíba, de onde seguia para o Rio de Janeiro.

Casado com Joventina Monnerat Lutterbach, teve com ela sete filhos, sendo dois já falecidos quando, ainda em vida, por volta de 1935, Júlio Lutterbach fez a doação de seu patrimônio para seus descendentes: a Julieta Monnerat Lutterbach, coube uma porção de terras da Fazenda da Glória; a Júlio César Monnerat Lutterbach, a Fazenda Paraíso; Cecília Monnerat Lutterbach herdou a Fazenda São José; Sebastião Monnerat Lutterbach, a sede da Fazenda da Glória; e a João Batista Monnerat Lutterbach coube a Fazenda Santa Catharina.

João Batista Lutterbach era casado com Maria José Pereira Lutterbach e não tiveram filhos naturais. Quando faleceu, em 1976, a fazenda ficou para seu filho adotivo, Tadeu, e o irmão Antônio. Na mesma década, a fazenda foi vendida, e assim sucessivas vezes<sup>2</sup>, até que, em 1998, foi comprada por Ary Cavallaro. Após sua morte, sua esposa e filha herdaram a fazenda.

A usina hidrelétrica existente nas terras da Fazenda Santa Catharina foi construída por Júlio César Lutterbach, em 1921, e está situada próximo ao Rio Paquequer. A usina tinha capacidade de 40HP e, além da Fazenda Santa Catharina, abastecia também a Fazenda da Glória, a serraria – conhecida como Serraria da Mata da Babilônia, que ficava em sua propriedade – e as fazendas Paraíso e São José. Após 1948, foi desativada com o fornecimento de energia pela Light, e o espaço foi usado como depósito de couro.

---

<sup>1</sup>Registro Paroquial de Terras. Propriedade de Francisco de Barros Guimarães. Fazenda Santa Catharina. Registro feito em 27.12.1855, no Livro 24, Registro 94, p.24v. Freguesia de Nossa Senhora do Monte Carmo, município de Cantagallo. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

<sup>2</sup>Dos irmãos Tadeu e Antônio, a fazenda passou para Raul Davi, e posteriormente para Salvador Zófoli, que finalmente vendeu a propriedade para Ary Cavallaro.